

SER PROFESSOR: IDENTIDADE, TRAJETÓRIA E IMAGEM EM PUBLICAÇÕES DA ANPED EM 2017

BE A TEACHER: IDENTITY, WAYS AND IMAGES IN ANPED PUBLICATIONS IN 2017

Karoline Cipriano dos Santos¹

Alex Sander da Silva²

RESUMO: O presente artigo apresenta e analisa significados que as publicações na ANPEd têm expressado sobre o *ser professor* no ano de 2017. Desse modo, colocamos a seguinte questão: Quais os significados têm se expressado sobre a profissão docente as publicações na ANPEd Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação no ano de 2017? Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa se constituiu em analisar os significados têm se expressado sobre a profissão docente as publicações na ANPEd Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação no ano de 2017. Como objetivos específicos delimitou-se em: identificar as publicações que tratam da profissão docente em publicações na ANPEd no ano de 2017 no GT 08 - formação de professores; descrever de que maneira essas publicações tratam da identidade, da trajetória e da imagem do professor e analisar os fatores que se destacam sobre valorização ou desvalorização docente. Para a realização deste artigo optou-se em realizar uma pesquisa documental, isto é, direcionamos o nosso olhar para os trabalhos apresentados na ANPEd no ano de 2017 priorizando os que tratavam da profissão docente. Assim, primeiramente, tratamos sobre o conceito de ser professor e algumas variantes dessa concepção, indicando os sentidos das categorias identidade, identidade, trajetória e imagem. Num segundo momento, apresentamos os caminhos metodológicos da pesquisa e por fim, expomos a análise dos dados obtidos à luz do referencial teórico e das categorias previamente estabelecidas. Na análise foi possível perceber que as três categorias juntamente com a valorização e desvalorização docente, convergem entre si constantemente.

PALAVRAS CHAVE: Ser professor; identidade, trajetória; imagem, valorização docente.

ABSTRACT: This article shows and analyzes meanings that publications in ANPEd have indicated about being a teacher in 2017. Thus, we ask the following question: What meanings have been expressed about the teaching profession publications in ANPEd National Association of Graduate and Research in Education in 2017? In this sense, the

¹ Graduada em Pedagogia; Mestranda em Educação – Unesc. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Cultural e Sociedade – GEFOCS. Karolcipriano.crici@gmail.com

² Professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação – Unesc. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Cultural e Sociedade – GEFOCS. alexsanders@unesc.net

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

general objective of this research was to analyze the meanings expressed in the teaching profession the publications in ANPEd National Association of Graduate Studies and Research in Education in 2017. As specific objectives was delimited in: identify the publications dealing with the teaching profession in publications at ANPEd in 2017 in WG 08 - teacher formation; describe how these publications deal with the identity, trajectory and image of the teacher and analyze the factors that stand out about teacher appreciation or devaluation. For the accomplishment of this article it was decided to carry out a documentary research, that is, we directed our look to the works presented in ANPEd in 2017 prioritizing those that dealt with the teaching profession. Thus, first, we deal with the concept of being a teacher and some variants of this conception, indicating the meanings of the categories identity, trajectory and image. In a second moment, we present the methodological paths of the research and finally, we expose the analysis of the data obtained in the light of the theoretical framework and the previously established categories. In the analysis it was possible to realize that the three categories together with the valorization and devaluation of the teacher, converge among themselves constantly.

KEY WORDS: Being a teacher; identity, trajectory; image, teacher appreciation.

1 INTRODUÇÃO

A escolha pelo tema se dá por percepções a nível empírico que venho tendo durante a minha formação, desde o ensino fundamental até o ensino superior. Sempre quis ser professora e sempre disse isso às pessoas. Durante esse tempo ouvi da família, da sociedade em geral e dos meus próprios professores muitos discursos a respeito, ora desqualificando ora valorizando a profissão. Antes ainda ao meu ingresso na graduação, enquanto aluna na educação básica, era possível perceber diferentes sentimentos entre os alunos com os professores.

Diferentes alunos, diferentes professores e diferentes imagens. Alguns professores eram amados, admirados, enquanto outros eram detestados, enquanto alguns nem sequer despertavam algum sentimento. Esses sentimentos variavam de aluno para aluno, podendo um professor ser adorado e desprezado ao mesmo tempo por diferentes alunos ou em diferentes momentos. Sempre me questioneei sobre essa ambiguidade na representação social dos professores e professoras. Pode parecer clichê, mas, na nossa sociedade todas as pessoas passam pelo professor, tanto que é obrigatória a presença de todas as crianças na escola a partir dos quatro anos. Portanto, uma profissão política, com poder de interferência social.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

O próprio Paulo Freire expressa a responsabilidade que o professor tem, asseverando sobre a presença dele em sala de aula (FREIRE, 2011). Me pergunto também se há interesses estatais ou de grandes empresas nessa desvalorização do profissional, principalmente da escola pública. Será que a desvalorização não é proposital? Se não, então quais são as origens? Como uma profissão política, quais seriam as consequências de uma representação social negativa do ser professor? Isso se reflete na formação de professores? Qual o perigo de professores malformados ou em estado precário de atuação profissional para o desenvolvimento da sociedade?

Tais questões não poderiam ser respondidas num artigo apenas, pois são questões que exigiriam mais espaço, mais pesquisa, mais reflexão, mais dados. Portanto, antes de refletir esses aspectos é preciso dar um passo atrás e ter claro o que é ser professor e que aspectos estão relacionados a essa profissão. Alguns autores (ARROYO, 2000; FREIRE, 2011) já pensaram sobre isso e é nesse sentido que essa pesquisa vai caminhar.

Nesse caminho, colocamos a seguinte questão: Quais os significados têm se expressado sobre a profissão docente nas publicações na ANPEd Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação no ano de 2017? Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa se constituiu em analisar os significados que têm se expressado sobre a profissão docente nas publicações na ANPEd Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação no ano de 2017. Como objetivos específicos delimitou-se em: identificar as publicações que tratam da profissão docente em publicações na ANPEd no ano de 2017 no GT 08 - formação de professores; descrever de que maneira essas publicações tratam da identidade, da trajetória e da imagem do professor e analisar os fatores que se destacam sobre valorização ou desvalorização docente.

Para a realização deste artigo optou-se em realizar uma pesquisa documental, isto é, direcionamos o nosso olhar para os trabalhos apresentados na Anped no ano de 2017 priorizando os que tratavam da profissão docente. Assim, primeiramente, tratamos sobre o conceito de ser professor e algumas variantes dessa concepção, indicando os sentidos das categorias identidade, trajetória e imagem. Num segundo momento, apresentamos os caminhos metodológicos da pesquisa e por fim, expomos a análise dos dados obtidos à luz do referencial teórico e das categorias previamente estabelecidas.

2 SER PROFESSOR: IDENTIDADE, TRAJETÓRIA E IMAGEM DOCENTE

A profissão professor é política, de grande importância para a sociedade, pois inicialmente “o professor tem um papel estratégico nesse processo, uma vez que é o mediador entre os alunos e o conhecimento. Ele é o intelectual que deverá entregar nas mãos dos trabalhadores as armas, na forma de conhecimento, para a luta contra a opressão e a exploração.” (COSTA, 2009, p. 60). Para ser professor e fazer com que isso aconteça, alguns saberes são necessários e alguns empecilhos estão colocados.

Para tratar o assunto ser professor, foi feita a partir de três dimensões centrais, a saber: o ser professor e identidade, trajetória e imagem. O intuito aqui implica em refletir e fundamentar alguns aspectos do ser professor interessantes para objetivo da pesquisa. Esses aspectos, que também podem ser chamados de esferas, coexistem e são quase que indissociáveis em alguns momentos. O interesse aqui é tratar do ser professor na inter-relação dessas dimensões fundamentais e confrontá-las com as concepções vigentes nas pesquisas mais recentes da área da educação.

2.1 Ser professor e a identidade docente

Alguns teóricos no Brasil desde muito tempo vêm estudando sobre o que é ser professor. Roldão (2007) diz que a especificidade do trabalho docente é “ação de ensinar”. Porém, trabalha a ideia de que atualmente, com as tecnologias e fácil acesso à informação, os conteúdos estão muito mais acessíveis, em um ritmo muito acelerado. Assim, o lugar do ensinar já não está tão claro quanto nos tempos em que o professor é que tinha mais conhecimento para compartilhar.

Essa função precisa ser ressignificada, ou seja, sua função não tem mais como ser a de “transmitir conhecimento” como os professores tradicionais. O trabalho docente é o de “fazer outros se apropriarem de um saber” (ROLDÃO, 2007, p. 94), numa leitura pedagógica, didática, no sentido de dirigir os conteúdos e métodos aos e com os alunos no processo de aprendizagem.

Nesse sentido a autora aborda alguns aspectos dos geradores de especificidades do conteúdo profissional docente, o conteúdo próprio do professor, o que ele precisa saber e Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

quais habilidades ter. Um primeiro ponto é que o conteúdo do professor é composto pois vai muito mais além do que se apropriar da concepção pedagógica e trabalhar os conteúdos curriculares. Diz respeito a junção dos dois e a transformação em uma coisa nova.

Em outras palavras, a transformação do conteúdo científico em conteúdo didático. Além dessa capacidade é necessário também a comunicabilidade e circulação, muito a ver com as práticas pedagógicas. Assim como ‘a natureza mobilizadora e interrogativa’, que se vincula a postura questionadora perante as práticas e os conteúdos, essencial para o ensino. Além disso, os professores devem ter a capacidade analítica, ligada a análise dos hábitos rotineiros, bem como a autocrítica, ligada a análise constante de suas práticas.

Nesse sentido, a crítica deve estar atrelada a postura do professor tanto para seus métodos, conteúdos, práticas etc. como para si mesmo. Para Roldão (2007) ser professor envolve tudo isso e mais, ressalta o caráter profissional da profissão, em que produzir as mediações necessárias para a aprendizagem não se reduz ao dom, vocação ou técnica, embora o profissional possa sentir-se vocacionado ou dotado de dons, além de requerer a técnica. Ressalta ainda que o conhecimento específico que legitima a profissão é exigente e complexo.

A análise de Roldão (2007), sobre o que o professor tradicional era e o que o professor hoje é (ou deve ser), vem de encontro com os escritos de Freire. Em suas obras ele faz uma diferenciação entre educação bancária e educação libertadora e conseqüentemente entre o educador bancário e o educador problematizador. Freire (2015) vem a comentar sobre o caráter do educador bancário, amarrado ao sistema, autoritário que estabelece uma relação vertical com os alunos. Já o educador problematizador estabelece uma relação horizontal com os alunos, de respeito e comunicação, se permitindo inclusive aprender com eles, se refazendo enquanto educador constantemente.

Já Mezari (1983, apud ESTEVE, 1999) aponta alguns aspectos do que é ser professor, como capacidade de viver situações conflitivas é um dos aspectos sociais do professor. Na sua tese, o professor além de ter que cumprir o papel do ensino tem de lidar com os conflitos que emergem num contexto com várias pessoas com seus diferentes

valores, diferentes ideias, histórias de vida. Além disso, lida com conflitos de valores institucionais e burocráticos, muitas vezes contrários aos valores dos alunos e de si mesmo.

De acordo com Cardoso, Batista e Graça (2016), a identidade profissional do professor não se separa da sua dimensão pessoal - história de vida- ou seja, a sua trajetória e atuação na educação também engloba seus anseios pessoais. Nesse sentido, os autores comentam aspectos de realização profissional/pessoal por meio da transformação social que conseguem fazer, na medida do possível, bem como a sua frustração quando não alcança o seu objetivo.

Arroyo (2000) trata dessa não separação da vida profissional e pessoal de professores e professoras, comentando que em poucos trabalhos há tanta identificação entre a vida pessoal e profissional, em que há uma invasão do tempo da escola aos outros tempos dos professores. Nesse sentido, carregamos as angústias e sonhos de casa para escola e da escola para casa. O autor vem a fazer a afirmação ‘o outro em nós’, no sentido dessa indissociação entre vida pessoal e trabalho na identidade de professores.

Nessa linha de raciocínio, ele fala de identidade coletiva de ser professor, comentando sobre os encontros entre professores que ele participa “Encontros com nós mesmos, com nós-outros, com o outro que há em todos nós, o ser professor” (ARROYO, 2000, p.27). Nesses encontros há uma certa partilha de sentimentos, mais necessariamente a paixão e o ódio pelo professor, por nós mesmos.

Apesar de haver ‘o outro em nós’, sendo uma espécie de identidade coletiva, as imagens acerca do professor são diferenciadas, assim como as experiências docentes, os conteúdos, os alunos e a história de cada categoria de professores não são iguais. Isso vai além da visão de amor e ódio para com o professor, entram em questão, nessas imagens e autoimagens, diversas análises, históricas e filosóficas (ARROYO, 2000, p.27). Desse modo, alguns autores vêm a refletir a profissão docente em linhas gerais, mas também em suas especificidades.

2.2 Trajetória docente

Segundo Esteve (1999), o professor tem de lidar com os conflitos da própria postura. Frequentemente se depara com situações em que é necessário assumir posições contraditórias. Em alguns momentos o professor amigo, parceiro, que cativa os alunos, mas em seguida, no final do curso ou semestre ou bimestre, abandona o papel de ajuda e se vê no papel de julgamento, reprovação desses alunos de que era amigo. Nesse sentido, o professor lida com conflitos em diversas esferas da educação escolar.

De acordo com Esteve (1999), na formação inicial dos professores existe a tendência de reafirmação de um estereótipo idealizado. Isso se nota principalmente nas circunstâncias em que há o enfoque normativo, que é ensinado o que o professor ‘deve’ ser ou fazer, porém, não o preparando o suficiente para a prática de ensino. Quando esses alunos recém-formados, professores iniciantes, vão para a escola, ficam desconcertados ao perceber que a prática educativa não corresponde aos ideais qual foi formado.

A quebra dessa expectativa se deve a muitos fatores e, de diversas formas a escola não corresponde aos ideais. Segundo Esteve (1999) uma das maiores queixas dos professores é a falta de recursos na escola, tanto de materiais didáticos quanto de infraestrutura. Nesse sentido existe um mal-estar docente de ser cobrado, durante a formação inicial e durante a trajetória, a mudança e inovação das práticas pedagógicas, porém nem sempre são disponíveis os recursos necessários para isso.

A expectativa sobre a profissão docente e o papel do professor vai além da formação inicial. Conforme Esteve (1999), os professores se queixam de que os pais, muitas vezes, não ensinam os valores mínimos aos seus filhos, não apoiam o seu trabalho e são convictos de que esse papel é do professor. Nesse sentido os culpabilizam pela ‘má-educação’ dos filhos. Essa cobrança dos pais para os professores é uma das esferas do mal-estar docente.

De acordo com Esteve (1999), a violência contra os professores tem sido cada vez maior, considerando violência física e verbal, por parte de alunos e de pais. As situações de violência física são esporádicas, porém, tem grande impacto na comunidade em geral. Sofre o professor agredido, os colegas e os muitos professores distantes que

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

souberam por meio das mídias. As consequências da violência no plano psicológico coletivo se multiplicam por cinco, gerando um clima de intranquilidade na escola e, junto a outros fatores do mal-estar docente, o estresse dos professores e outras doenças.

Sobre as múltiplas violências na escola, apresentando relatos do cotidiano escolar ligados à violência, Rocha (2014, p. 150) afirma “A condição do profissional da educação na atualidade está tão fragilizada em sua autoridade, que solicitações para que seus alunos fiquem atentos à aula podem gerar violências e risco de morte”. A pesquisa da autora vem de encontro com as afirmações de Esteve (1999) a respeito de uma das esferas do mal-estar docente.

Uma das fontes de conflitos entre alunos e professores é que “[...] os alunos que vão à escola com a expectativa de aprender, encontram professores em luta contra os empecilhos ao próprio exercício do magistério” (COSTA, 2009, p.74). Essa situação desencadeia uma frustração que acaba sendo geradora de conflitos. Além disso, diversos fatores são empecilhos ao exercício do magistério, como uma formação cada vez mais aligeirada, jornada extenuante e falta de tempo para preparar as aulas.

A queixa pode ser considerada uma das esferas da trajetória docente, a crença do senso comum de que ‘professor só reclama’. Conforme Fernandez (1994) os seres humanos recorrem muitas vezes a um lamento impotente, a queixa, que no âmbito escolar funciona como o meio que os professores têm de denunciar seu mal-estar. Porém, ao mesmo tempo que essa mesma queixa lamento corrobora para que nada mude, na medida que aponta o que há de errado, mas acaba dando como insolúvel, não avançando a reflexão sobre possíveis soluções.

2.3 Imagem docente

Muitas imagens são associadas ao professor e a profissão docente, tanto as de caráter apreciativo quanto depreciativo e a mídia contribui para essa visão. Conforme Esteve (1999) profissão é apresentada ora como conflitiva, ora como idílica nos meios de comunicação. Na imprensa, grandes jornais nacionais, a profissão é apresentada

principalmente como conflitiva, enquanto outros meios de comunicação, como cinema e televisão, são idílicos, sonhada, idealizada.

Esteve (1999), analisou alguns recortes de jornais, bem como séries e filmes que falam do professor, na Espanha. Nas notícias é frequente a abordagem de conflitos entre pais e alunos, demissões indevidas, violência sofrida pelos professores de alunos e pais, doenças que assolam a profissão, como ansiedade e depressão, crise na profissão envolvendo a ameaça de progressiva deserção, renúncia, além do desinteresse dos jovens pela carreira.

Já nas séries e filmes, Esteve (1999) diz que os professores apresentados raramente aparecem envolvidos com ensino de sala de aula, a maior parte do tempo estão sendo amigo dos alunos e se envolvendo em situações tranquilas, que favorecem a abertura aos alunos. Nesses meios o professor é representado com o estereótipo idealizado, um ofício dos sonhos, identificado quase como um herói das histórias, aquele que se pode contar.

Adorno (2000) comenta um pouco sobre as representações sociais do professor, sua imagem ambígua perante a sociedade. Ele aponta que existe uma ambiguidade entre os professores universitários, que detém muito prestígio social e os professores do magistério, da educação básica, que sofrem do silencioso repúdio. Ele vai tentar buscar as origens desse repúdio na história da profissão.

Nesse sentido, Adorno (2000) aponta elementos feudais, como o desprezo pelos capelões referenciado em uma música, por serem detentores de saberes. Fala também que é importante considerar a origem dos professores como escravos e o lugar que estes ocupavam na sociedade. Além disso, comenta que naquela época, o corpo e a mente eram considerados como separados e que a função do intelecto era sempre deixada de lado ou vista como menos importante, devido ao poder que a força física tinha, principalmente nas relações de trabalho. Desse modo a inteligência era menosprezada na maior parte do tempo.

Nessa linha de raciocínio Adorno (2000) apresenta a crença popular de que nos séculos XVII e XVIII soldados veteranos eram realocados como professores nas escolas primárias. É provável que esta crença, mesmo que não totalmente verdadeira, seja o apontamento de um aspecto do imaginário social sobre o professor. Talvez,

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

inconscientemente, eles sejam vistos como soldados mutilados, pessoas que não servem mais para exercer papéis reais da produção da vida propriamente dita e são induzidos ao papel pouco visível, porém encantador, da continuidade do conjunto de vida, ou seja, a educação.

Em contrapartida, Adorno (2000) comenta sobre o oposto, a visão mágica da profissão, existente em países como a China. A visão se associa ao caráter de figura religiosa, sublime, do professor. Nesse sentido, o autor prevê que as imagens acerca do professor são diversas e até contraditórias e, que suas origens vão além do plano objetivo. Em outras palavras, as origens da imagem valorizada ou desvalorizada desse profissional são, além de históricos e econômicas, inconscientes também.

Outro ponto abordado por Adorno (2000) é que o poder do professor não é levado a sério pela sociedade por ser um poder exercido em civis não totalmente plenos, as crianças. Desse modo, o poder do professor, este é visto como uma paródia do poder real; expressões como ‘tirano da escola’ querem marcar que o seu autoritarismo é tão irracionalmente despótico que chega a ser uma caricatura despótica, na medida que não podem exercer poder maior que reter as crianças quietas e obedientes.

A figura social e cultural dos professores nasce colada à tarefa social de educação da infância e da juventude o seu reconhecimento acompanha a história do reconhecimento delas, e não necessariamente à competência desse trabalho. Desse modo, “O caminho para sabermos quem somos, que reconhecimento social temos, é olhar para o reconhecimento social da infância, adolescência e juventude.” (ARROYO, 2000, p.32).

Fernandez (1994) corrobora com a ideia do trabalho do professor com a infância ao comentar que um dos motivos da tarefa docente suportar uma sobrecarga depreciativa é por ser dirigida principalmente a crianças, sendo desqualificado quem exerce a tarefa. Deleuze (1990 apud FERNANDES, 1994) diz que as escolas são um pouco como prisões e que os alunos são um pouco como prisioneiros. Além disso, a autora fala sobre a infantilização dos professores, que é reflexo da infantilização das crianças, em outras palavras, eles são os mantenedores da infantilização no espaço educativo.

No entanto, quando se trata de identidade profissional ou reconhecimento como profissional educador, Arroyo (2000) comenta que, por haver a tradição de a infância ser

considerada como tempo de cuidados e educação, os professores que trabalham com a infância têm uma história mais longa. Nesse sentido, no que se refere a identidade, os pedagogos e pedagogas estão mais bem estabelecidos. A questão das pedagogas merece um olhar especial, pois é um campo ocupado quase que totalmente por mulheres. Há estudos que chegam a afirmar que a desvalorização do magistério se deve a predominância feminina:

[...] a feminização no magistério não se resume ao aspecto quantitativo das mulheres que aumentou nos âmbitos educacionais, mas também à concepção da profissão docente na sociedade que está sempre associada às características femininas e, por isso, está sendo cada vez mais desvalorizada. (RABELO, 2009, p. 6168).

No trecho acima citado, a autora faz um apanhado histórico sobre a feminização do magistério. Um dos pontos abordados é que o magistério foi a porta de entrada das mulheres para o mercado de trabalho justamente por ter proximidade com as características maternas. Apesar dos pesares, a profissão docente serviu como ‘válvula de escape’ para mulheres, significando o início de uma independência financeira. A questão merece um recorte no que se refere às mulheres negras, pois a profissão vem sendo a oportunidade de mulheres negras se inserirem no mercado de trabalho exercendo uma função diferente à de empregada doméstica. Nesse caso, a imagem de professora negra é a imagem de ascensão social (NASCIMENTO, 2012).

3 METODOLOGIA E LEVANTAMENTO DE DADOS

A escolha pelas categorias para analisar a problemática da pesquisa de se deu por serem aspectos quase que indissociáveis do ser professor, bem como estarem intimamente ligados com a valorização ou desvalorização docente. Neste sentido, esta tem como ponto básico, possibilitar a capacidade de abertura da problemática para compreender os significados do ser professor na atualidade.

A presente pesquisa se caracterizou como de abordagem qualitativa, um estudo teórico, sendo como pesquisa documental. Segundo Goulart (2015, p. 78) “A análise Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

documental apresenta alguns pontos positivos que levaram a selecioná-la como ferramenta nesta pesquisa. Entre eles podemos destacar o fato de que os documentos constituem uma fonte estável e rica; e podem ser consultados inúmeras vezes, dando certa estabilidade aos resultados obtidos.”

A pesquisa se dividiu em dois momentos centrais: o primeiro foi a delimitação do estudo com o mapeamento dos trabalhos, a partir da seleção, dos textos. Tratou-se, de verificar aproximações e distanciamentos quanto ao tema proposto. O segundo momento é confrontar este levantamento, com as explicitações das categorias de análise. Nisso consiste, aprofundamento do tema da pesquisa, de modo a exprimir possíveis resultados da investigação.

Dentre as plataformas e repositórios de pesquisas e trabalhos científicos a ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) foi escolhida devido a sua significância na pesquisa em educação no Brasil. Existe desde 1978, tendo como principal objetivo: “A ANPEd tem por finalidade o desenvolvimento da ciência, da educação e da cultura, dentro dos princípios da participação democrática, da liberdade e da justiça social.” (ANPEd, 2012, p.1). Atua com reuniões regionais e nacionais, reunindo debates em torno de diversos eixos temáticos. As reuniões nacionais são compostas por 24 eixos, denominados Grupos de Trabalho. Nesses grupos são reunidas um número significativo de produções científicas na área da educação de todas as regiões do Brasil, funcionando como uma espécie de fórum nacional dos temas mais emergentes no contexto nacional. Os trabalhos apresentados geram anais de eventos.

Para análise do ser professor ou sobre aspectos da profissão docente, foi selecionado o GT08 – Formação de professores, da última reunião da ANPEd, que aconteceu em 2017 na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), localizada em São Luis do Maranhão, entre 01 e 05 de outubro de 2017, com o tema: Democracia em risco: a pesquisa e a pós-graduação em contexto de resistência. A escolha pelo ano mais recente se deu pelo motivo de buscarmos os sentidos de ser professor no contexto atual mais atual.

A busca se deu da seguinte forma: acesso à página da ANPEd, particularmente, no GT08 Formação de Professores. O GT contou com 43 trabalhos na edição de 2017. Na tela foi buscado pela palavra-chave ‘ser professor’, sendo filtrado vinte e nove trabalhos.

Porém desses, três eram repetidos e não estavam disponíveis para download. Na busca foi possível reconhecer trabalhos que apresentam dados de diversas esferas da profissão docente, como alfabetização, educação infantil, coordenação pedagógica, disciplina de física, matemática, dança, docência no ensino superior e no presídio, bem como análise de programas governamentais.

Como estamos tratando de professores da educação básica num recorte mais ligado a identidade docente, com as categorias “ser professor” trajetória docente” e “imagens da profissão docente” foi optado por selecionar apenas os artigos mais ligados ao tema da profissão docente e os elementos da sua constituição e valorização. Além disso, a análise dos vinte e seis artigos filtrados demandaria mais espaço de tempo.

Desse modo foram elencados três artigos, que constam no quadro a seguir.

Quadro 1 – Identificação dos artigos analisados

TÍTULO DO ARTIGO	AUTOR	PALAVRAS CHAVE
Profissionalização e construção da identidade docente: Da entrada na profissão à formação superior em Exercício	Emanuela Carvalho Dourado Edilania de Paiva Silva Eliene Maria Sales Santos	Profissionalização. Formação docente. Identidade docente
Professores em início de carreira: as dificuldades e descobertas do trabalho docente no cotidiano da escola	Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva	Professores em início de carreira. Trabalho docente. Formação docente.
Licenciandas em pedagogia e professoras iniciantes: diálogo por meio de narrativas <i>online</i>	Rosana Maria Martins Ana Paula Gestoso de Souza Rosa Maria Moraes Anunciato de Oliveira	Formação de professores, Desenvolvimento profissional docente, Narrativas <i>online</i>

Fonte: ANPEd 2017

Para a escolha, foi observado a presença no título de aspectos ligados à profissão docente propriamente, em linhas gerais. Nesse filtro e fazendo uma análise apenas dos títulos, já é possível perceber que na reunião da ANPEd 2017, no grupo de trabalho 08 - formação de professores, a respeito do ser professor em linhas gerais, a preocupação maior é com o início de carreira, ou seja, as fases iniciais da trajetória docente.

Para análise, primeiramente apresenta-se um breve resumo do trabalho e em seguida trazemos os objetivos específicos, a exploração das categorias de análise, identidade, trajetória e imagem além de fatores que se destacam sobre valorização ou desvalorização do ser professor. Ao final também trazemos uma análise geral sobre os três Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

trabalhos, apresentando os aspectos de cada categoria que constavam nos trabalhos.

4 IDENTIDADE, TRAJETÓRIA E IMAGEM DA PROFISSÃO: ANÁLISE DE TRABALHOS DO GT 08 DA ANPED ANO DE 2017

O artigo intitulado “*Profissionalização e construção da identidade docente: da entrada na profissão à formação superior em exercício*” (DOURADO; SILVA; SANTOS, 2017) trata da construção da identidade docente aliada a formação e à profissionalização. Tem por objetivo compreender os percursos dessa construção, a partir das trajetórias de formação, incluindo a graduação, com duas professoras em exercício na educação básica por meio de narrativas.

Quanto a categoria de análise identidade, o artigo é bem rico, apontando diversos fatores da construção da identidade docente das duas professoras entrevistadas. Um dos pontos mencionados é que a identidade de uma das entrevistadas começou a ser forjada ainda na condição de discente, com 16 anos, quando os professores saíam da sala e ela os substituíam. Além disso, essa mesma professora cursou contabilidade e magistério, pois aproveitava as oportunidades que surgiam. Assim que terminou o magistério já começou a trabalhar na área da educação, passando num concurso em seguida. Já a outra professora passou por situações mais no início da sua atuação, tendo de lidar com a pouca experiência e com o trabalho muito longe.

As duas professoras exerciam funções além das de ensinar na escola, o que causava um sentimento de desprofissionalização. A autora ainda comenta que “a identidade docente vai se constituindo no contato com o chão da escola, como dito por Terra. No entanto, sem o apoio à profissão, muitos professores acabam desistindo ou se acomodando com as dificuldades que parecem intransponíveis.” (DOURADO; SILVA; SANTOS, 2017, p. 11). Nesse sentido, a identidade e a trajetória docente aparecem como indissociáveis.

A categoria trajetória, a autora aponta aspectos de trajetória de formação, incluindo a inicial e continuada:

Em suas experiências formativas, as professoras revelam via narrativas, que a Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

trajetória de formação foi alicerçada, também, com a luta pelos seus direitos, o esforço para ingresso na carreira por concurso público, as escolhas feitas para a formação acadêmica, o objeto do seu trabalho, entre outros. (DOURADO; SILVA; SANTOS, 2017, p. 12).

Essa afirmação se deve a análise feita das entrevistas, qual a autora percebeu a busca das professoras pela formação continuada, por uma segunda graduação, pelo concurso público que significa estabilidade. Essa busca por estabilidade é também a busca por melhores condições de trabalho e valorização, pois essa é uma visão que se tem de concursos. Além disso, o status social e voz de professor concursado e temporário são diferentes.

Adorno (2000) aponta que existe uma ambiguidade entre as imagens professores universitários, que detém muito prestígio social e os professores do magistério, da educação básica, que sofrem do silencioso repúdio. Nesse sentido, com base no autor e no artigo analisado, é possível fazer mais um recorte de diferença de visão social: entre os professores da educação básica existe ainda a diferença entre efetivos e temporários.

O artigo aborda a imagem da profissão docente quando cita a procura por aperfeiçoamento para passar num concurso público, deixando implícito o status social e econômico que um concursado ocupa. Quando fala de valorização e profissionalização docente a imagem também aparece. O que a autora fala sobre a desprofissionalização é a descaracterização da função docente, sua dispersão, como citado na análise das entrevistas e comenta sobre os caminhos da profissionalização:

O desenvolvimento sistemático da profissão está atrelado à profissionalização docente que reúne em si todos os atos ou eventos para melhorar o desempenho do trabalho profissional. Implica dois aspectos fundamentais: a profissionalidade e o profissionalismo. O primeiro diz respeito aos saberes, competências, atitudes entre outras, do agir profissional; e o segundo volta-se para a busca de reconhecimento social, de um maior *status* dentro do grupo. (DOURADO; SILVA; SANTOS, 2017, p.13).

Neste trecho fica evidente que a imagem ou busca por um reconhecimento social é de suma importância para a profissionalização, que é um caminho para a valorização docente e constituição de identidade. Para fechar o artigo, a autora evidencia que a identidade profissional das professoras foi forjada durante seus percursos pessoais, Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

profissionais e de formação, como uma (re)construção permanente. Isso vem de encontro aos escritos de Freire (2015; 1978) sobre a inconclusão dos seres e do educador. Para ele o profissional da educação está em constante descoberta e construção, aprendendo e reaprendendo no próprio processo de ensinar.

Arroyo (2000) também escreve sobre a constituição do ofício de mestre, evidenciando que essa construção se dá além do processo formativo acadêmica, envolvendo aspectos da formação pessoal. Vem de encontro também com a indissociação da vida pessoal e da vida profissional do professor tratada por Arroyo (2000), os professores, assim como levam as angústias da escola para casa e vice-versa, levam de um lugar ao outro também aspectos da identidade e da formação.

Já o artigo intitulado “*Professores em início de carreira: as dificuldades e descobertas do trabalho docente no cotidiano da escola*” (SILVA, 2017) tem como assunto principal o processo de iniciação docente, dando ênfase às dificuldades desse período. A partir de questionários foi feita a análise com os pares dialéticos como categoria: dificuldades-descobertas; sentido da escola e sentido de ser de ser docente.

Neste artigo, a trajetória é subdividida em etapas, segundo os autores Huberman (2000) e Silkers (1985). O primeiro aborda as fases da docência a partir do tempo de atuação enquanto o segundo toma como ponto de divisão a idade. Numa visão de trajetória docente marcada por etapas e construídas no trabalho e pelo trabalho, o artigo vai abordar a fase iniciante da carreira. Nas categorias da própria autora já aparecem as palavras ‘sentido de ser docente’, que pode ser chamado também de identidade, e dificuldades e descobertas, entendidos como trajetória.

Na sua análise, a trajetória e a identidade aparecem imbricadas:

Os dilemas e as dificuldades do professor iniciante são causados pela exigência de atuação, em que a contradição marca a possibilidade do reconhecimento ou da negação. Entre os aspectos, destacam-se: a relação com o aluno; a dicotomia teoria-prática; a relação com os pares; a condição material de trabalho nas escolas; o conteúdo, a metodologia e as condições objetivas do trabalho docente, que geram sentimentos e sensações como angústia, insegurança, fracasso e desmotivação. Desta forma, há, dialeticamente e contraditoriamente, a possibilidade para que o docente possa se reafirmar na profissão ou negá-la de forma diferenciada e referendada pela totalidade histórica. (SILVA, 2017, p. 9).

No trecho acima é possível perceber as dificuldades da carreira docente iniciante e que isso pode impactar na identidade em construção desses docentes. Diante das dificuldades eles podem se assumir como professores ou passarem por um processo de negação e sair da escola, caso bastante comum. Essa análise vem de encontro com os estudos de Mezari (1983, apud ESTEVE,1999) que aponta alguns aspectos do que é ser professor, como capacidade de viver situações conflitivas é um dos aspectos sociais do professor.

Sobre as dificuldades no período inicial da profissão docente, de acordo com Esteve (1999), na formação inicial dos professores existe a tendência de reafirmação de um estereótipo idealizado. Isso se nota principalmente nas circunstâncias em que há o enfoque normativo, que é ensinado o que o professor 'deve' ser ou fazer, porém, não preparando-o o suficiente para a prática de ensino. Quando esses alunos recém-formados, professores iniciantes, vão para a escola, ficam desconcertados ao perceber que a prática educativa não corresponde aos ideais qual foi formado nas instituições de formação de médio ou superior (cursos de magistério ou graduação)

Em um outro momento a autora mostra resultados da pesquisa apontando que as dificuldades e descobertas caminham juntas, assim como a superações e descobertas, que caminham numa unidade dialética no período de entrada na carreira. Em outras palavras, as mesmas experiências que são consideradas como dificuldade também significam descobertas e proporcionam superação, para grande maioria dos pesquisados. Entretanto esses sentimentos são vividos e sentidos de maneiras diversas.

Ainda trabalhando o par dialético dificuldade-descoberta, a autora fala sobre a autoimagem, de realização e frustração e as possíveis consequências dessas ambiguidades

Essa dialética dificuldade-descoberta na síntese do sofrer e do realizar-se pode apresentar elementos fortes de sofrimento e intensificação ao trabalhador, de forma que provoque o adoecimento, como mostram estudos atuais, e/ou a desistência por dentro da profissão, em que há perda do sentido da sua prática docente. Nesta direção, o professor trabalha num contexto de contradições de ordem econômica, política e social, mas também inerentes ao próprio ato de ensinar (SILVA, 2017, p.12).

Além de abordar uma auto-imagem a partir das análises feitas, fazendo ligação

com aspectos da trajetória docente, a autora aborda o tema da imagem da profissão docente diretamente:

Há marcas da desvalorização e, ao mesmo tempo, atributos e características sobre-humanas ao trabalho docente: a “tia”, o “herói”, a “única forma de salvação da criança ou adolescente”. Tais elementos não favorecem a construção de uma especificidade para a função da escola e nem para a docência, assim como não contribuem para o desaparecimento destes estereótipos, que são tão nocivos a este trabalho, pois, se não os naturalizam, ao menos promovem um movimento de fetichização (SILVA, 2017, p. 17).

Ao falar das imagens da profissão docente, tratada por ela como ‘sentidos’, a autora já aponta para questões de desvalorização. Em outras palavras, muitos das imagens do ser professor são prejudiciais a profissionalização e ao respeito pelo professor, mesmo os estereótipos aparentemente bons, como os de herói.

Para concluir o artigo a autora aponta uma necessidade para medidas de apoio a professores em início de carreira, como apoio dentro da própria escola, formação de grupos para compartilhamento de experiências e sentimentos e medidas de valorização docente. Além disso, termina asseverando sobre a especificidade do trabalho docente, que exige uma sólida formação teórico, cultural e humanista.

O Artigo intitulado “*Licenciandas em Pedagogia e professoras iniciantes: Diálogo por meio de narrativas online*” (MARTINS; SOUZA; OLIVEIRA, 2017) tem como principal assunto a constituição da identidade docente a partir de narrativas autobiográficas, trazendo discussões sobre processos formativos. Apresenta uma pesquisa realizada com licenciandas em Pedagogia e professoras iniciantes das disciplinas de Português e Matemática, em que por meio de uma plataforma online, houve interações e narrativas sobre o processo de inserção profissional e construção de saberes docentes.

Como é de se esperar, neste artigo a esfera docente mais refletida é a identidade, seguida de trajetória. Muitos pontos são explorados, porém estão mais ligados ao início da carreira docente.

A preferência por esse público é de extrema relevância, pois os momentos de formação acadêmica e inserção à carreira profissional são muito angustiantes e, ao mesmo tempo, repletos de expectativas. A falta de apoio e de

acompanhamento favorece o sentimento de descrença em relação à docência e, até mesmo, o abandono da profissão (MARTINS; SOUZA; OLIVEIRA, 2017, p.7).

Nesse sentido as autoras justificam a escolha por esse período apresentando algumas especificidades. Além disso, neste trecho é possível perceber aspectos de trajetória docente. Na análise de trechos das narrativas online, as autoras afirmam que “Os dados dão indícios de como elas vão constituindo sua identidade docente. Os movimentos desse percurso não são fixos, eles são provisórios e essa provisoriedade as impele a agir, a pensar e a escolher o modo de virem a serem professoras.” (MARTINS; SOUZA; OLIVEIRA, 2017, p.10). Nesse sentido, a identidade docente é tida como processual e em permanente construção.

Ainda sobre identidade, uma das narrativas apresenta aspectos sobre uma identidade coletiva do ser professor.

[...] perceber que as dificuldades encontradas por mim, não eram só minhas, mais de muitos outros professores, então quando me sentia angustiada ou incapaz, percebia que isto era só uma transição e que faz parte deste processo de iniciação, e que não era uma inabilidade ou incompetência minha. Então consegui caminhar com mais segurança e também com mais tranquilidade, pois estava fazendo o meu trabalho da melhor maneira que podia. (Josi, PF, AV/2013) (MARTINS; SOUZA; OLIVEIRA, 2017, p.13)

Desse modo, aspectos da constituição de uma identidade coletiva são também aspectos de trajetória docente.

Essa identidade coletiva vem de encontro com os escritos de Arroyo (2000) que afirma haver ‘o outro em nós’, o ser professor que, apesar de ser muito diverso, é comum a todos docentes. “Encontros com nós mesmos, com nós-outros, com o outro que há em todos nós, o ser professor” (ARROYO, 2000, p.27). Apesar de haver ‘o outro em nós’, sendo uma espécie de identidade coletiva, as imagens acerca do professor são diferenciadas, assim como as experiências docentes, os conteúdos, os alunos e a história de cada categoria de professores não são iguais.

A categoria imagem aparece no artigo juntamente com a trajetória no seguinte trecho de narrativas de avaliação do programa

Penso que dessas narrativas, o que fica como reflexão é que nossa trajetória como alunos e as experiências boas e más que tivemos com nossos professores nos marcaram muito, e hoje de certa forma nos ajudam a aprimorar técnicas que deram certo conosco e descartar aquelas que não tiveram êxito, sempre procurando o melhor para nossos futuros alunos, pensando naquele cidadão que queremos formar. (Marta, LI, AI-2/2013) Ao ler as narrativas feitas [pelos participantes da comunidade], é possível perceber a forte influência que certos professores podem trazer as nossas vidas, tanto os bons quanto os ruins, é possível perceber que quando há motivação do professor, o aluno se motiva mais e consegue um resultado melhor. [Josi, PF, AI-2/2013] (MARTINS; SOUZA; OLIVEIRA, 2017, p.13).

É possível perceber que as imagens ou sentimentos com os professores influenciam na própria trajetória docente e no constituir-se professor. Ademais, o artigo indica algumas estratégias para melhor inserção dos professores iniciantes. Uma das entrevistadas aponta para a importância de as professoras iniciantes saberem controlar a ansiedade e ter consciência de que se aprende ensinando e que se ensina aprendendo. Além disso, Martins, Souza e Oliveira (2017) afirmam a necessidade de apoio para esses professores envolvendo diretores, professores experientes, comunidade, além de uma aproximação entre universidade e escola.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa se constituiu em analisar os significados que têm se expressado sobre a profissão docente as publicações na ANPEd Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação no ano de 2017. Para isso, identificamos as publicações que tratavam da profissão docente em publicações na ANPEd no ano de 2017. Dos artigos filtrados no grupo de trabalho 08 – Formação de professores, foram escolhidas “Profissionalização e construção da identidade docente: da entrada na profissão à formação superior em exercício” (DOURADO; SILVA; SANTOS, 2017). “Professores em início de carreira: as dificuldades e descobertas do trabalho docente no cotidiano da escola” (SILVA, 2017) e “Licenciandas em Pedagogia e professoras iniciantes: Diálogo por meio de narrativas online” (MARTINS; SOUZA; OLIVEIRA, 2017).

Quanto a categoria de análise ‘identidade’ os pontos que mais se destacaram nos artigos dizem respeito a ideia de que ela (a identidade) está em constante construção, abarcando percursos pessoais, profissionais e de formação. Além de se (re)fazer no chão da escola, pode se iniciar também anteriormente a entrada na profissão. Também foi possível perceber que a não especificidade do trabalho docente gera um sentimento de não identidade, pois nessa condição os professores fazem coisas diversas e alheias ao processo educativo. Uma identidade coletiva de ser professor também aparece, na medida que muitas situações da trajetória docente são comuns à toda classe profissional.

Quanto a trajetória docente os principais pontos foram o conflito e os sentimentos diversos que a profissão proporciona, como desafios, angústias, frustrações, superações e descobertas. Além disso a constante luta por direitos e busca por aperfeiçoamento aparece como espécies de conflitos. Um ponto interessante é que a trajetória pode ser dividida em fases a partir do tempo de serviço e que cada fase apresenta aspectos peculiares. Foi possível perceber nos artigos aspectos mais ligados ao início da trajetória.

Na imagem do professor aparece a variedade de imagens de acordo com a sua condição (temporário e concursado). A imagem que os professores passam para seus alunos, ou como esses os percebem, aparece como um aspecto para a vontade de se tornar professor futuramente. Além disso, os estereótipos ligados a profissão, são considerados prejudiciais à valorização docente, uma vez que corroboram com a ideia de que o professor não é um profissional. Em outras palavras, uma imagem desprofissionalizada é também uma imagem desvalorizada.

Os fatores que se destacam sobre valorização ou desvalorização docente são aspectos de uma identidade desprofissionalizada, de uma trajetória atenuante e conflitiva e de imagens retorcidas da profissão e do ser professor. Um caminho possível para a valorização é a profissionalização docente, a especificidade do trabalho do professor como agente de ensino-aprendizagem, que realizou e ainda realiza percursos formativos para exercer a profissão e que precisa ser reconhecido, valorizado e ter acesso aos seus direitos. A necessidade de apoio à professores iniciantes não aparece necessariamente como meio de

valorização docente, mas pode ser entendida dessa maneira, uma vez que esse apoio vem contra as frustrações da trajetória docente.

Na análise foi possível perceber que as três categorias juntamente com a valorização e desvalorização docente, conversam constantemente. A identidade é forjada na trajetória, esta por sua vez implica na imagem que implica na identidade e na autoimagem de professores. A desvalorização ou valorização está presente e influencia em todos as esferas da profissão. Nesse sentido, foi possível atingir os objetivos deste trabalho, percorrendo caminhos e chegando a resultados significativos acerca dos sentidos de ser professor na atualidade.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 190 p.

ANPEd, **Estatuto da Associação Nacional De Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, Rio de Janeiro, 2012, 12 p. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/estatuto_anped_registro_cartorio_.pdf. Acesso em: 26 set. 2019.

ARROYO, Miguel González. **Ofício de mestre: Imagens e auto-imagens**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 251 p.

CARDOSO, Maria Inês Silva Teixeira; BATISTA, Paula Maria Fazendeiro; GRAÇA, Amândio Braga Santos. Identidade do professor: desafios colocados pela globalização. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 65, p.371-390, abr. 2016.

COSTA, Áurea. Entre a dilapidação moral e a missão redentorista: o processo de alienação no trabalho dos professores do ensino básico brasileiro. In: COSTA, Áurea; EDGARD NETO,; SOUZA, Gilberto. **A proletarianização do professor: neoliberalismo na educação**. São Paulo: Sundermann, 2009. p. 59-100.

DOURADO, Emanuela Carvalho; SILVA, Edilania de Paiva; SANTOS, Eliene Maria Sales. Profissionalização e construção da identidade docente: da entrada na profissão à formação superior em exercício. **Anais das Reuniões Nacionais da Anped**, São Luis, v. 1, n. 1, p.1-15, dez. 2017. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT08_1284.pdf>. Acesso em: 26 set. 2019.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente: A sala de aula e a saúde dos professores.** Bauru: Edusc, 1999. 178 p.

FERNÁNDEZ, Alícia. A queixa da professora. In: FERNÁNDEZ, Alícia. **A mulher escondida na professora: Uma leitura pedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994. Cap. 7. p. 107-117. Tradução Neusa Kern Hickel.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. 253 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011. 144 p.

GOULART, Michel Cordioli. **O conceito de tecnologia educacional presente em trabalhos científicos publicados na ANPED.** 2015. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ppge, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2015.

MARTINS, Rosana Maria; SOUZA, Ana Paula Gestoso de; OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de. Licenciandas em pedagogia e professoras iniciantes: diálogo por meio de narrativas online. **Anais das Reuniões Nacionais da Anped**, São Luis, v. 1, n. 1, p.1-16, dez. 2017. Disponível em:
<http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT08_680.pdf>. Acesso em: 08 out. 2019.

NASCIMENTO, Cleonice Ferreira do. **Histórias de vida de professoras negras: Trajetórias de sucesso.** 2012. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ppge, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2012. Disponível em:
<<http://www.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/c14e7f204de6a9a8b2a8da985ec0272d.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

RABELO, Amanda Oliveira, MARTINS, Antonia Maria. **Mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério,** 2009 Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Amanda_Rabelo4/publication/266244820_A_MULHER_NO_MAGISTERIO_BRASILEIRO_UM_HISTORICO_SOBRE_A_FEMINIZACAO_DO_MAGISTERIO/links/5a20254c458515341c839373/A-MULHER-NO-MAGISTERIO-BRASILEIRO-UM-HISTORICO-SOBRE-A-FEMINIZACAO-DO-MAGISTERIO.pdf. Acesso em: 26 set de 2019.

ROCHA, Julia Siqueira da. **Violências na escola: Da banalidade do mal à banalização da pedagogia.** 2. ed. Florianópolis: Insular, 2014. 208 p.

ROLDÃO, Maria do Céu. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p.94-181, jan 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a08v1234.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº3, setembro/dezembro 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

SILVA, Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da. PROFESSORES EM INÍCIO DE CARREIRA: AS DIFICULDADES E DESCOBERTAS DO TRABALHO DOCENTE NO COTIDIANO DA ESCOLA. **Anais das Reuniões Nacionais da Anped**, São Luis, v. 1, n. 1, p.1-21, dez. 2017. Disponível em:
<http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalhoencom_38anped_2017_gt08_i_textokatiacurado.pdf>. Acesso em: 26 set. 2019.